



Ensinando e aprendendo a língua Fula, o português nas regiões de Bafatá e Gabu (Província Leste) Guiné-Bissau e a língua Nyungwe de Tete-Mocambique : contribuições didáticas para estudantes dos anos iniciais.

Teaching and learning the Fula language, portuguese in the Bafatá and Gabu regions (Eastern Province) Guinea-Bissau and the Nyungwe of Tete – Mozambique: teaching contributions for students in the early years

Ussumane Baldé¹

Suely A. Do N. Mascarenhas:

Orientadora²

António Alone Maia:

Coorientador³

Abstract

During the historical process of intercultural contacts between the West and the New World, this process was guided by scientific dualisms that culminated in the creation of an appreciation of the Western world and the depreciation of the peoples, languages and cultures of the New World. In this sense, we are interested in knowing what is the importance of the language and culture of a people as an identity in the face of intercultural contacts? This work will present the basic notions of African culture and languages, Fula from Guinea-Bissau and Nyungwe from Tete-Mozambique. This work aims to prove that culture and language are an intrinsic part of a people's identity and that there are no superior or inferior cultures. Therefore, all cultures are rich and equal in their differences manifested in different domains, be it linguistic, religious, symbolic as well as kinship, among others.

Keywords: Língua fula; Guiné Bissau; Língua nyungwe; Tete, Mozambique

Resumo

Durante o processo histórico de contactos interculturais entre o ocidente com o Novo Mundo, tal processo foi pautado por dualismos científicos que

¹ Mestrando no programa de Pós-Graduação de Ensino de Ciências e Humanidades-UFAM, bolsista CAPES. E-mail: Baldeussuane079@gmail.com. : <https://orcid.org/0009-0004-0009-0226>

² Doutora em Psicopedagogia pela Universidade da Corunha, Espanha, 2004. Docente do Programa De Pós-Graduação Em Ensino De Ciências E Humanidades na disciplina Epistemologia das Ciências Humanas (PPGECH) da Universidade Federal do Amazonas, graduação e pós-graduação. E-mail: suelyanm@ufam.edu.br. Brasil. Orcid.: <https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>.

³ Doutor em Antropologia Social pela USP-SP, 2015. Docente da UniRovuma nos programas de graduação em Antropologia, Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia de desenvolvimento Comunitário. Docente e Professor visitante do Programa De Pós-Graduação Em Ensino De Ciências E Humanidades na disciplina Epistemologia das Ciências Humanas (PPGECH) da Universidade Federal do Amazonas. E-mail: alonemaia13@gmail.com : Moçambique. Orcid. <https://orcid.org/0000-0002-3500-8235> .



culminaram com a criação de uma valorização do mundo ocidental e a depreciação dos povos, línguas e culturas do Novo Mundo. Neste sentido, interessa-nos saber sobre, qual é a importância da língua e cultura de um povo como identidade diante de contactos interculturais? Este trabalho vai apresentar as noções básicas de Cultura e línguas africanas, fula da Guiné Bissau e nyungwe de Tete-Moçambique. Com este trabalho pretende-se provar que, a cultura e a língua são parte intrínseca da identidade de um povo e que não existem culturas superiores, nem culturas inferiores. Portanto, todas as culturas são ricas e iguais nas suas diferenças manifestadas em diversos domínios seja no linguístico, no religioso, no simbólico assim como no parentesco entre outros.

Palavras-chave: Língua fula; Guiné-Bissau; Língua nyungwe; Tete, Moçambique

Introdução

Este artigo tem como objetivo despertar um interesse para sobre o ensino e aprendizagem do ler e falar línguas fula da Guiné-Bissau e a língua nyungwe da província de Tete, em Moçambique. Especificamente pretende-se realçar a importância da inclusão das línguas locais nos anos iniciais, descrever as consequências da adoção da língua portuguesa como única língua de ensino nas escolas das colônias e por último apresentar alguns elementos básicos de gramática fula e nyungwe. Para dar bases teóricas a este artigo recorreremos a artigos, dissertações, e a publicação de algumas revistas. Portanto, este trabalho é de natureza qualitativa-documental e autoetnográfico com base em nossas experiências. Baseando nos estudos feitos, para o contexto da Guiné-Bissau, descobriu-se que a língua portuguesa teve um impacto negativo no rendimento dos estudantes guineenses sobretudo em algumas regiões do país e a inclusão das línguas locais teria um impacto positivo no desenvolvimento dos estudantes guineenses, nos anos iniciais, particularmente os estudantes oriundos de povos falantes da língua fula. Com esta pesquisa esperamos trazer uma contribuição científica nos estudos interculturais em matéria de aprendizagem das línguas africanas.

Contextualização de Alkabalane, Guiné Bissau e Moçambique/Tete

Mencionar Alkabalane, vulgo África ou continente africano é complexo. A África é considerada como sendo o terceiro maior continente do



mundo, tem uma extensão territorial de 30.221.532 km², com (54) cinquenta e quatro países. Tem uma população aproximada de (1) um bilhão e meio de habitantes, é caracterizado como o continente que tem uma população jovem, porque a maior camada da população é jovem.

O continente africano está dividido em (5) cinco grandes regiões ou sub-regiões são essas: África Setentrional ou Norte, África Ocidental, África Central, África Oriental e África Meridional ou Austral. Até para alguns a África está dividida em (2) duas partes: África Mediterrânea e África Subssariana. África de facto é um continente muito rico na fauna e flora, tem florestas densas e variedades animais de pequeno e grande porte.

Alkalbulane vulgo África não é um continente novo em todos os aspectos contrariamente a cosmovisão eurocêntrica, que sempre tentou ocultar as verdadeiras realidades, qualidades africanas, tendo produzido preconceitos dualistas de uma África como um continente atrasado, sem cultura ignorando toda a riqueza social, histórica, científica e cultural do continente africano. Por exemplo, já havia avanço de medicina tradicional no continente africano, construções que perduram até hoje, universidades, etc.

Namone e Timbane afirmam (2018, p.9)

Pouca gente se lembra que antes da Europa, em África já havia avanços importantes na medicina (ciência médica e farmacológica avançada, mumificação dos corpos, etc.), na arquitetura (construção de pirâmides, esfinges, templos outras construções), no domínio da natureza (uso plantas para a cura de diversas doenças), na invenção da escrita (no Egito), na astrologia (os povos de Mali já tinham conhecimento da existência do pequenino satélite da estrela Sirius, o Sirius B, invisível a olho nu), na matemática, engenharia, navegação entre outras conquistas ofuscadas pelo fato de serem de origem africana. Pouquíssimas pessoas se lembram de que as primeiras duas universidades do mundo surgiram em África: a Universidade al Quaraouiyine (ano 859) e a Universidade de Al-Azhar (988).

Visto que afinal a cosmovisão eurocêntrica só queria sepulturar as qualidades e habilidades africanas e que muitos conhecimentos aplicados hoje



na Europa tiveram raízes africanas. Esse desprezo das inteligências e qualidades africanas tem a ver com a maneira como os saberes e conhecimentos transmitidos no continente africano, por via oral de geração a geração. Na África a maioria de vezes a transmissão de qualquer saber ou conhecimento é feita pela forma oral e raras vezes se usa escrita, mas isso não significa que não sabiam ler e escrever, sabiam que na oralidade alguém pode absorver quantidades de informações em pouco tempo e se fosse pela escrita levaria muito tempo. Esses saberes e conhecimentos transmitidos oralmente de geração em geração são indispensáveis na conservação das regras de convívio e da relação social nas comunidades que as utiliza. É por isso mesmo, que a dita educação informal mantém-se persistente ao lado da educação formal e da cultura moderna, mantendo-se sempre viva no continente africano, mesmo com muitos anos de invasão europeia (Bá, 2010).

Moçambique, Tete

Moçambique fica localizado na costa oriental africana. A província de Tete situa-se na região centro-oeste de Moçambique. É a única província moçambicana cercada por três países anglófonos, o Malawi, a Zâmbia, e o Zimbabwe. Essas fronteiras conferem à província um lugar importante na geopolítica e na economia de toda a região da África Austral, desde a época pré-colonial (Maia, 2014: 28). Na província existem vários grupos étnicos e para este trabalho interessa-nos trazer noções básicas da língua Nyungwe.

Guiné-Bissau

A **Guiné-Bissau** sendo um país africano a sua população também apresenta características comuns com os restantes povos africanos aliás, grande parte dos grupos étnicos que formam a população guineense vieram dos outros pontos da África, como por exemplo o grupo étnico fula, de acordo com as informações passadas de geração a geração oralmente, os fulas vieram do Nilo,



concretamente do Egito. Sendo assim, a população guineense segue a mesma forma de transmitir saberes e conhecimentos por via oral de geração a geração.

Guiné-Bissau fica situada no continente africano nomeadamente na região da Costa Ocidental da África. Faz fronteira ao norte e leste com a República do Senegal e ao sul e leste com a República da Guiné-Conacri e é banhada pelo oceano Atlântico.

Administrativamente, a Guiné-Bissau está dividida em oito regiões - Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali e mais o Sector Autónomo de Bissau (SAB). As regiões são dirigidas pelos governadores regionais, sob tutela do Ministério da Administração Territorial. A Guiné-Bissau conta com um número da população que corresponde a 1.442.227 habitantes, entre os quais 48,4% dos homens e 51,6% das mulheres. A maioria da população guineense pratica a religião muçulmana (45,1%). O crioulo é a língua mais falada pela população de nacionalidade guineense (90,4%). A população que fala o português corresponde a 27,1%. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Recenseamento geral da população e habitação no ano 2008. Bissau, 2009, p. 22).

A Guiné-Bissau, administrativamente possui (8) oito regiões e (36) trinta e seis setores mais (1) um setor autónomo que é considerado capital do país (Bissau). Nessas localidades estão espalhados os povos que formam a nação guineense. De acordo com Santos:

O atual território da Guiné-Bissau foi delimitado em 1886. Nesse espaço geográfico evolui assim até aos nossos dias uma população heterogênea constituída por vários grupos etnicamente distintos, com organizações sociais, culturais, religiosas, econômicas e políticas bastante diferenciadas (Santos, 1989, p. 191).

Essa delimitação territorial guineense é criticado por alguns cidadãos alegando que a Guiné-Bissau perdeu uma parte do seu território a favor do Senegal, antes de ser feita a delimitação oficial de 1886, como veremos mais adiante.

Figura 1 – Mapa da Guiné-Bissau



description : Mapa Guiné-Bissau mostrando as fronteiras internacionais e os Estados com suas capitais e de capital nacional.

Fonte - Retirado do site: <https://pt.mapsofworld.com/guinea-bissau/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

A maior parte da população vive na capital, ou seja, a capital possui maior densidade populacional. O país atualmente tem mais de 20 grupos étnicos, a língua oficial é o português, o crioulo é considerado língua nacional e também são faladas línguas locais. Guiné-Bissau esteve 528 anos sob domínio português, e se tornou independente em 1973. No entanto, essa independência, só veio a ser reconhecida por Portugal em 1974. O Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), este partido único desencadeou uma luta sem tréguas até a independência do país, que foi proclamada na localidade de Madina de Boé em 1973, pelo general João



Bernardo Vieira Nino, ex-presidente da república da Guiné-Bissau durante 18 anos, após a independência.

A Guiné-Bissau é um país tipicamente multiétnico, tem uma nação muito rica em diversidade cultural, sendo composto por vários grupos étnicos, aproximadamente trinta, apesar de que, alguns grupos étnicos estão em vias de extinção, como por exemplo Cassancas, Bantus, Tandas, Brames, etc.. Aqui apresentamos os grupos majoritários, em ordem de importância numérica: Balantas, Fulas, Mandingas, Manjacos, Papéis, Mancanhas, Beafadas, Bijagós, Felupes, Baiotes, Nalus e entre outros. Cada grupo étnico tem a sua própria língua que lhe identifica diante dos restantes grupos, não obstante existirem semelhanças em algumas línguas, em termos de nomeação de alguns objetos.

Por exemplo, na língua fula e língua mandinga há semelhanças em alguns termos, no caso dos substantivos. Em fula “*Bá*” significa pai, também na língua mandinga tem a mesma grafia, e o mesmo significado que é “*Bá*” pai. Em fula “*há*” significa sim e na língua mandinga “*há*” goza do mesmo significado, o sim. Este dado mostra claramente que, apesar de serem grupos étnicos diferentes, a semelhança de termos é reveladora de uma origem comum no passado. Como é óbvio a transmissão de saberes e conhecimentos nessas línguas é feita de forma oral. Assim, cada cultura ou língua representa um universo com abordagens ora singulares, ora semelhantes, seja no falar, no vestir ou na gastronomia.

Gostaríamos de frisar que, a educação escolar guineense reconhece a educação ancestral ou tradicional através da inclusão das línguas étnicas ou locais no currículo escolar nos anos iniciais do ensino em particular a língua nas regiões de Bafatá e Gabu. As duas regiões ficam na província Leste da Guiné-Bissau, de modo que, a educação moderna não se distancie da educação tradicional. Os ditados ou provérbios são usados frequentemente nas línguas locais e eles são tidos como bons métodos para transmitir saberes e conhecimentos na língua fula. Assim sendo, a literatura proverbial das línguas africanas, neste caso o fula e o nyungwe poderiam ser aproveitadas ou adaptadas na educação moderna fazendo parte integrante dos materiais



paradidáticos, como forma de valorizar, reconhecer a riqueza cultural existente na Guiné-Bissau e em Moçambique, evitando trazer conteúdos que nada têm a ver com a língua étnica ou materna do contexto dos estudantes.

Fruto da herança colonial que produziu dualismos científicos, infelizmente, até hoje muitos países africanos, seja na Guiné-Bissau assim como em Moçambique, ainda não conseguiu introduzir o ensino das línguas locais milenares nos currículos escolares. No caso da Guiné-Bissau, o Estado guineense não valoriza essas línguas étnicas ou locais, valorizando apenas o português tido como língua oficial e única do ensino (Guiné-Bissau, 1996). Em quanto isso, as línguas étnicas ou locais são postas nas gavetas ou desrespeitadas e desprezadas pelo Estado e pela política linguística. O português é falado por 11% como língua materna, segundo (Cá, 2015; Namone e Timbane, 2017). É por isso que a maioria dos estudantes guineenses dentro e fora do país apresentam enormes dificuldades no que tange compreensão e assimilação dos conteúdos por causa do português que é falado pela minoria e é a língua oficial para o ensino nas escolas.

Muitos estudantes caem no insucesso escolar não por falta de capacidade, mas sim por obstáculo criado pelo português, isso tem acontecido sistematicamente no processo de ensino e aprendizagem guineense. Destaca-se como grupo ortodoxo os fula. Eles são muito conservadores, sobretudo no aspecto linguístico. Um fula prefere perder tudo menos a sua língua. Por isso mesmo as crianças fulas saem de casa com um domínio da língua fula, quando vão a escola nos momentos iniciais apresentam essa dificuldade, para falar e perceber o português porque, em casa só se fala a língua materna neste caso fula. Muitos estudantes no leste da Guiné-Bissau sentem-se mais felizes, alegres e mais orgulhosos quando falam a língua fula. Aliás os conteúdos abordados ou a serem abordados despertariam mais interesse aos alunos se fossem na língua fula indubitavelmente haveria mais assimilação e absorção dos conteúdos abordados.

Este trabalho tem como objetivos demonstrar a importância do ensino, estudo e aprendizagem do ler e falar línguas fula e nyungwe e português nos



anos iniciais nas escolas e realçar a importância da inclusão das línguas maternas/locais milenares no processo educacional guineense e moçambicano, descrever as consequências da adoção da língua portuguesa como única língua do ensino nas escolas dos dois contextos e apresentar breves noções e um mini dicionário que poderá ser utilizado como recurso didático em escolas nos respectivos contextos.

É uma pesquisa qualitativa da revisão bibliográfica e autoetnográfica que levanta a questão de implementar as línguas étnicas milenares no currículo escolar.

Moçambique e Guiné-Bissau, da mesma forma que não encontram dificuldade em apresentar a riqueza multicultural, devem, de igual modo, encontrar estratégias de valorizar e incluir as línguas étnicas milenares ou locais nos currículos escolares em paralelo com a língua portuguesa que é tida como a oficial e única de ensino. Essa possível inclusão das línguas trará uma enorme rentabilidade para o setor da educação e cultura, ou seja, a inclusão das línguas locais nos currículos escolares vai trazer mais benefícios no fortalecimento das consciências culturais soberanas locais e nacionais. Infelizmente a maioria dos países colonizados adotaram a língua do colono como a língua oficial sepultando as línguas milenares e ancestrais que poderiam se encaixar melhor nas suas realidades culturais, políticas, sociais e até econômicas.

O estado guineense deve seguir o exemplo de África do Sul, segundo Timbane (2015) a África do Sul oficializou onze línguas das quais nove são línguas étnicas ou locais, graças o líder visionário Néelson Mandela que lutou incansavelmente em prol de fortalecer a consciência cultural milenar soberana africana.

Oficializar as línguas étnicas no Processo de Ensino e Aprendizagem não significa opor-se a língua portuguesa, mas pelo contrário ajudaria também a tipificar o ensino e no fim um bom desempenho acadêmico. Essa ideia de priorizar o português em detrimento das restantes línguas faladas na Guiné-Bissau não é um caso novo é desde a época colonial, aliás o mentor essa ideia é



o Amílcar Cabral combatente da liberdade da pátria considerado o pai da nacionalidade guineense e cabo-verdiano. Amílcar Cabral é pioneiro da luta armada não compreendeu o quão importância tem as línguas étnicas/locais afirmou equivocadamente o seguinte:

Para nós tanto faz usar o português, como o russo, como o francês, como o inglês, desde que nos sirva, como tanto faz usar tractores [tratores] dos russos, dos ingleses, dos americanos, etc., desde que tomando a independência, nos sirva para lavar a terra [...] muitos camaradas, com sentido oportunista, querem ir para frente com o crioulo. Nós vamos fazer isso, mas depois de estudarmos bem. Agora a nossa língua para escrever é o português. Afinal, o português (língua) é uma das melhores coisas que os tugas nos deixaram, porque a língua não é prova de nada mais senão um instrumento para os homens se relacionarem uns com os outros [...] A língua é um instrumento que o homem criou através do trabalho, da luta para comunicar com os outros [...] Nós, Partido, se queremos levar para frente o nosso povo, durante muito tempo ainda para escrevermos para avançarmos na Ciência, a nossa língua tem que ser o português. E isso é uma honra. É a única coisa que podemos agradecer aos tugas (CABRAL, 1990, p. 59).

A partir dessa afirmação de Amílcar Cabral, sendo ele o personagem principal da luta armada nessa altura, o desejo dele era um pedido para restantes camaradas da luta e o pedido dele era entendido como uma obrigação para os camaradas da luta. Desde então, mesmo após a conquista das independências o português foi oficializado como língua do ensino excluindo as línguas étnicas/locais. Foi desta forma que o português passou a sobrepor-se às línguas locais e essa subreposição é vigente até hoje em todas as ex colonias.

Essa crença preconceituosa de valorizar só português agora já afeta a mente da maioria dos guineenses. Hoje quem fala a sua língua étnica é visto na sociedade como um atrasado. Algumas escolas por tradição cegamente seguida proíbem as crianças de falarem as suas línguas étnicas no recinto escolar. Por exemplo, um dos autores deste trabalho, foi castigado várias vezes na escola por causa de falar a sua língua étnica. Portanto, questiona-se se, o português é mais importante que as línguas africanas milenares? A questão leva-nos ao relativismo cultural, com o qual concluímos que não existem nem povos, nem culturas superiores ou inferiores, mas sim, todos os povos e todas as culturas são iguais nas suas diferenças. Portanto, a proposta da inclusão das línguas



locais no currículo escolar, nos anos iniciais, para as crianças é a espinha dorsal deste trabalho. A maneira como foi concebida a educação oficial nas ex-colônias, ela não valoriza os conhecimentos da tradição oral, as culturas locais e muito menos valoriza as línguas maternas ou locais, pelo contrário enfatiza mais a cultura e a língua do colonizador, neste caso língua portuguesa. O que é que significa dar primazia a língua do colonizador em detrimento das línguas do colonizado? Qual é o lugar dos povos colonizados nas relações interculturais? São vários os questionamentos. No entanto, precisamos realçar a ideia de que a língua e a cultura fazem parte intrínseca da identidade de um povo e devem ser mantidas e preservadas. Neste sentido, uma das formas de preservar a língua e a cultura, é justamente a introdução delas nos currículos escolares.

Consequências da adoção do português como única língua do ensino nas escolas da Guiné-Bissau

A Guiné-Bissau faz parte de um dos países africanos com maior taxa de analfabetismo formal. A maior parte da população guineense é analfabeta, e grande porção desse analfabetismo encontra-se no interior do país, ou seja, nas áreas rurais, por falta de vontade política e incoerência dos líderes políticos e os seus aliados. O maior obstáculo está na adoção da língua portuguesa como única língua no ensino. Muitos estudantes não sabem falar e ler nessa língua, principalmente no interior do país ou seja, esses estudantes não têm oportunidade de interagir com as pessoas que falam o português. O contato desses alunos com a língua portuguesa inicia-se na primeira série do ensino que começa aos sete anos de idade.

No entanto, as crianças do interior poucas têm essa oportunidade, pois a maioria começa a estudar com a idade um pouco avançada com bases e domínio das suas línguas étnicas antes do português. Em outros contextos sucede o contrário, onde crianças africanas conhecem e falam fluentemente o português e não falam e tem vergonha de aprender e falar a sua língua nativa. Não admira então que esta era uma das intenções do sistema colonial ao



depreciar as línguas africanas para que os africanos se vissem a si mesmos com lentes da cultura ocidental, a prova disso era a classe dos assimilados. Mesmo assim, não foi possível acabar com as línguas e as culturas africanas mantendo o português como língua oficial nas escolas. Hoje há consciência de que, a aprendizagem torna-se difícil se for, só com o português, facto que obriga os sistema de educação na África a incluir nos currículos o conteúdo local. Em Moçambique, este processo já tem dado alguns passos. A pesar de todo esse obstáculo sociolinguístico, na Guiné-Bissau foi mantido e privilegiado o português como a língua oficial nos programas curriculares de ensino deixando de lado as línguas étnicas e locais sem refletir um pouco como incorporá-las no currículo escolar para minimizar as dificuldades dos estudantes.

[...]Muitos alunos repetem de classe, muitos jovens desistem da escola, muitos pais procuram orientar seus filhos para as atividades produtivas que trarão sustento, pois não conseguem ver o futuro da escola. Sendo assim, o contexto multilíngue dificulta a aprendizagem do português até porque os professores estão despreparados metodologicamente para lidar com este tipo de ensino (Namone e Timbane, 2018, p.15).

Diante do exposto, os países africanos, seja a Guine-Bissau assim como Moçambique, devem procurar mecanismos de oficializar as línguas étnicas como património da humanidade a ser preservado, por exemplo a língua fula que hoje é falada em todos os cantos da África Ocidental e Central. No caso de moçambique, na provincia de Tete, para além de existir a língua nyungwe, temos outras línguas , como é o caso das línguas Dema, Tauara, Ngoni, cewa, Nhanja, cena, entre outras. Estas línguas precisam ser preservadas, pois representam a identidade e riqueza multiétnica do mosaico moçambicano. Enquanto o português continuar sendo a única língua de ensino, os obstáculos educacionais não se vão diminuindo seja na Guine-Bissau assim como nas outras colonias como, Mocambique, Angola, Cabo Verde. Neste universo de países, o que se constata é que, não só os alunos apresentam dificuldades em português, mesmo os próprios docentes revelam possuírem dificuldades de interpretar certos casos, por exemplo na Matemática e na própria disciplina da língua portuguesa. Isso deve-se, em parte, pela falta de investimento na



formação qualificada dos professores e seleção rigorosa para ingressar no quadro docente.

Para minimizar essa dificuldade linguística é preciso que o Estado invista na formação dos quadros docentes em todas as áreas do ensino, em particular na língua portuguesa e promover a diversidade cultural sobretudo no aspecto da inclusão das línguas locais no processo do ensino, nos anos iniciais. Augel (2007, p.72-73) afirma que “o número de professores com uma forma pedagógica e acadêmica é mínimo, predominando professores leigos e com um precário preparo”. De acordo com especialistas na área do ensino, o insucesso da língua nos professores tem a ver com a falta de qualificação adequada dos professores que, de certa forma, contribui significativamente na debilidade do ensino. Cruz (2013) afirma que

O português tem tido muitas dificuldades para se afirmar como a língua de comunicação no contexto escolar, isto para não falarmos no cotidiano da vida social dos guineenses. Esta situação advém da fragilidade do sistema educativo e do fracasso generalizado no processo de ensino e aprendizagem do português, sobretudo devido à falta de preparação linguística adequada dos professores, independentemente da sua disciplina de especialização (CRUZ, 2013, p. 34).

Quando se Imagina os professores a terem dificuldades em português o que será dos seus alunos, no entendimento dos conteúdos? Certamente os alunos só vão consumindo o que o professor fabricar porque não sabem se o professor está certo ou errado no que está a transmitir. Segundo Candé (2008) e Cruz (2013), os professores guineenses têm enormes dificuldades na língua portuguesa, facto que, de certa forma, cria um obstáculo educacional. O autor supracitado mostra que,

apesar das preocupações e esforços para o aumento da qualidade de ensino em geral e das estratégias para o desenvolvimento do ensino da língua portuguesa, as atividades de formação e reciclagem de professores em serviço e dos formadores nesta área não são suficientes para dar uma resposta satisfatória às necessidades do Sistema Educativo guineense no que toca ao desenvolvimento da língua portuguesa e ao sucesso escolar (CANDÉ, 2008).

Descobrendo esta dificuldade na Guine-Bissau ou no contexto moçambicano, os governos podem acionar mecanismos de cooperações bilaterais para conseguir bolsas de estudos como forma para resolver os



problemas em materia de formação de professores. Feito isso, num intervalo de tempo possivelmente essas dificuldades podem ser ultrapassadas e ter-se um ensino desejado com um quadro altamente capacitado. Por isso, os professores criaram sindicatos para defender a classe docente e não só também exigem que o Estado assuma as suas responsabilidades para melhorar a condição de vida dos professores e criar escolas de formação de professores equipá-las minimamente para que haja um bom desempenho acadêmico nessas escolas.

A questão da inclusão das línguas locais no ensino guineense não é de hoje. Freire (1977) numa das suas visitas a Guiné-Bissau, ele já tinha incentivado adoção do sistema bilingue/multilíngue na educação guineense. Ele assegurava que o conhecimento tem uma ligação intrínseca como os aspetos sociais e culturais de qualquer cidadão. Segundo ele, “o processo de libertação de um povo não se dá em termos profundos e autênticos se esse povo não reconquista a sua palavra, o direito de dizê-la, “pronunciar” e de “nomear” o mundo” (FREIRE 1968, p. 135). Baseando nessa profunda inquietação de Freire chega-se conclusão que esse caso da inclusão de línguas locais ou étnicas na Guiné-Bissau não é novo infelizmente nem o Estado nem os intelectuais levaram essa ideia em consideração, talvez se tivessem levado isso em conta a educação guineense não teria apresentado esses obstáculos vigentes até hoje no setor.

Importância da inclusão das línguas locais no processo educacional

Em África, no geral e em particular na Guiné-Bissau e em Moçambique, a inclusão das línguas milenares locais/maternas nos programas curriculares é deveras importante, pois deve constituir uma agenda fundamental para o desenvolvimento da educação, visto ser a forma mais ideal de preservar a cultura e a identidade de um povo, sem no entanto excluir as línguas estrangeiras como, o português, o inglês e o francês.

Segundo Grosso (2010, p.63) “o conceito de língua materna faz alusão à língua da primeira socialização, que tem geralmente a família como principal transmissor”. Algumas pessoas chamam língua materna da língua1 pelo facto de ela ser a primeira língua de aprendizagem que a pessoa estabelece as



primeiras relações de afetividade. Entre as línguas que alguém pode aprender a mais importante é a língua materna porque no processo de absorção de qualquer conhecimento, a pessoa vai correlacionar esse conceito com a sua língua materna para melhor compreender o assunto.

Segundo Benson (1993, p.38) “ [...] do ponto de vista da pedagogia, o fato mais importante seria que a proficiência na segunda língua (ou terceira, etc.) dependesse muito da proficiência da primeira (a língua materna)”. Daí que, é muito importante incluir a língua no currículo escolar nos anos iniciais para que as crianças aprendam desde cedo a ter o gosto e paixão pela sua língua materna nas suas atividades escolares.

Nas regiões de Bafatá e de Gabu grande parte dos habitantes falam mais a língua fula. Nessas duas localidades, quase todos falam fula, independentemente do grupo étnico. O hábito da falar o fula não se restringe só na rua, mesmo no ambiente escolar, não obstante em algumas escolas os estudantes serem proibidos de falar a língua fula no recinto escolar. Quando isso acontece os estudantes ficam muito limitados, chateados e poucos ficam interessados no assunto que o professor está a tratar, aliás muitos não entendem nada porque não sabem falar crioulo muito menos a língua portuguesa que é aprovada como única língua de ensino. Essa situação, as vezes é tão triste ver as crianças das escolas de Bafatá e Gabu a sentirem-se muito fechadas sem poder manifestar o que têm no seu interior. Muitas delas ficam tímidas durante toda aula sem exprimir, nem sequer uma palavrinha. Elas sentem-se tão inseguras na aula por causa da barreira linguística, algumas crianças fazem xixi na sala de aula porque não sabem pedir licença em português. O pior de tudo, cruelmente o professor castiga essas crianças que não conseguem superar essa necessidade biológica. Portanto, pode-se imaginar se essa criança tivesse sido autorizada a falar na sua língua materna, com certeza essa triste situação não iria acontecer com ela. Segundo Cá (2015, p.18),

as crianças guineenses entram em contato com o mundo da cultura escrita escolar, sendo privadas dos conhecimentos linguísticos prévios já adquiridos, tanto na aquisição de uma das 25 línguas pertencentes aos diferentes grupos étnicos que constituem nossa população como também conhecimentos culturais e práticas de



letramento relacionadas ao crioulo, língua nacional (CÁ, 2015, p.18).

Nas salas de aulas acontecem piores situações, onde os alunos sofrem injúrias por terem falado a língua materna. Muitos sentem-se mal e ficam constrangidos em plena aula por não saberem falar a língua do ensino que é o português. É sabido que, muitas crianças e estudantes não conseguem ter um bom desempenho acadêmico por causa da dificuldade linguística, e como consequência, há reprovações desnecessárias, onde os estudantes são penalizados inocentemente. De um lado essa atitude incentiva uma grande evasão escolar, e por outro, os próprios pais e encarregados de educação desacreditam na capacidade dos seus filhos. Por fim, esta situação faz com que os pais levem os seus filhos para outras profissões deixando de lado a educação escolar.

A inclusão das línguas locais na educação será uma ferramenta muito importante para acabar com essa grande dificuldade vigente na educação, não só guineense, mas também mocambicana, em particular no domínio dos conteúdos curriculares. Daí que, surge a importância de incluir a língua fula no ensino guineense particularmente nas regiões de Bafatá e Gabu. A inclusão da língua fula tem (5) cinco grandes importâncias a saber: importância cultural, educacional, social, política e econômica. Destaca-se a importância de cada uma dessas, em prol do desenvolvimento da população destas duas regiões (Bafatá e Gabu).

1. Importância Cultural - a política de conservação da identidade cultural é uma das formas de inclusão da língua fula no currículo escolar guineense. A língua fula como qualquer língua étnica na Guiné-Bissau, faz parte da cultura identitária dos povos falantes desta língua. Hoje, o fula não é apenas falado pelos nativos fulas, mas também outros grupos étnicos falam e apropriaram-se do fula. São exemplos disso: os Saraculês, Mandinga Moris, Landuma, Djacancas, Padjadinca, etc. Esses grupos étnicos, às vezes identificam-se como fulas e fazem parte a comunidade dos falantes da língua fula.



Nota-se que a presença da língua fula no ensino guineense ajudaria a manter e reconhecer o valor dessa herança cultural na Guiné-Bissau e, também incentivaria a exaltação da diversidade linguística no país, proporcionando o respeito e a valorização das diferentes línguas faladas no seio da população guineense.

2. **Importância Educacional** - no que tange ao aspecto educacional, esta questão não é tabú para os guineenses em particular para os estudantes, porque esses apresentam mais problemas na língua portuguesa e na matemática. Devido a falta de domínio da língua portuguesa, eles tornam-se incapazes de interpretar a língua escrita nos manuais de estudo, e conseqüentemente, têm problemas da compreensão dos conteúdos. Se esses conteúdos estivessem na língua materna desses alunos, certamente a compreensão seria mais fácil, pois nesse contexto o rendimento dos alunos teria maior probabilidade de crescer e atingir o seu máximo potencial no desempenho acadêmico e isso despertaria o maior interesse nos conteúdos por parte dos alunos. Para os estudantes que falam a língua fula, essa inclusão criaria, de um lado, um estímulo significativo na melhoria da qualidade de ensino em Bafatá e Gabu. Do outro lado, promoveria a inclusão educacional, oferecendo um ambiente emocional que proporcionaria uma motivação geral que faria com que os estudantes se sentissem mais incluídos e engajados nas atividades escolares.

3. **Importância Social** - a inclusão da língua fula no ensino guineense significaria, sem equívocos, uma forma de criar uma coesão social, combatendo as possíveis desigualdades sociais e, desta forma, impedindo qualquer pretensão divisionista, promovendo um clima inclusivo e de harmonia na comunidade guineense. A educação na língua materna pode servir como uma estratégia de combater a egressão escolar, uma vez que os estudantes ficam mais motivados e felizes nos ambientes onde têm liberdade de falar suas línguas maternas.

4. **Importância política** - no que concerne a visão política, a inclusão da língua fula simboliza um sinal de respeito e de reconhecimento oficial das



línguas maternas/locais do país contribuindo para práticas mais equitativas e inclusivas no aspecto linguístico, respeito à soberania cultural milenar dos habitantes. Além disso, a adoção desta política de inclusão de fula permitiria uma forte adesão de estudantes na educação oriúdos dos povos falantes desta língua. Assim, estariam criadas as condições de motivação e interesse na participação política e cidadã dos falantes de fula, por fim criando um ambiente verdadeiramente democrático no país.

5. Importância econômica - a inclusão da língua fula também tem o seu impacto na economia porque ela pode criar muitas oportunidades para desenvolver diversas atividades econômicas. Os fulas pela tradição são criadores de gados e não só, também são grandes comerciantes. Aliás, a maior parte da comunidade falante da língua é comerciante, isso quer dizer que a maioria dos fulas ocupam-se das atividades comerciais, assim dando uma contribuição significativa para o rendimento da economia do país. Quando alguém aprende a falar o fula, tem maior chance de ter emprego informal na área econômica, razão pela qual, a maioria dos envolvidos nesse setor são os fulas. Como referimos numa das passagens que, os fulas são conservadores culturais, também são acolhedores, gostam de receber hóspedes. Quando eles notam que alguém quer aprender a língua deles, de imediato, fazem amizade com aquela pessoa ajudando-a no que ela precisa.

No contexto da Guiné-bissau, ser fula ou pertencer ao grupo fula, seja por afinidade ou por laços matrimoniais, tem um significado e uma carga simbólica muito grande. Independentemente da língua fula ser falada, em quase, toda África Ocidental e Central, também muitos grupos étnicos desejam casar com os fulas. Aliás, para alguns grupos étnicos, casar com fulas é uma honra. Acredita-se que, tendo aprendido a falar fula, a sua jornada e o seu negócio tornam-se mais prósperos, sobretudo na África Ocidental e Central. Portanto promover as línguas locais na educação, seja no contexto moçambicano assim como no contexto guineense, seria uma questão meramente justa, estratégica e eficaz para inovar a educação, respeitar e preservar a diversidade cultural, como uma das maiores riquezas que a África



possui. Em última análise, a implementação das línguas locais representa uma vitória contra o último estágio da colonização que era acabar com todas as línguas africanas e em seu lugar implantar as línguas ocidentais. Implantar as línguas locais sem excluir as línguas estrangeiras é o caminho ideal para se pensar programas curriculares mais inclusivos que espelham a realidade local nos seus conteúdos.

Feita esta inovação, os povos falantes de fula sentir-se-ão mais honrados, respeitados pelo Estado em particular, pelo poder político. Certamente, os falantes desta irão investir na educação dos seus filhos, até ajudando o Estado diminuir a taxa de analfabetismo no país. Na Guiné-Bissau a comunidade tem uma tradição de construir escolas comunitárias que ajudam muitas crianças a não ficar fora do sistema educacional, assim evitando muita marginalidade, alcoolismo e vida da droga.

METODOLOGIA

Esta pesquisa bibliográfica e de carácter qualitativo e autoetnográfico. As informações são encontradas nos documentos escritos e nas vivências dos autores. Segundo Gil (2017):

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet (GIL, 2017, p.34).

Por outro lado, é também autoetnográfica porque neste resumo constam as vivências ou ideias dos autores. Segundo Creswell (2014, p.70), “a autoetnografia contém a história pessoal do autor, bem como o significado cultural mais amplo para a sua história”. Portanto neste trabalho fazem parte as experiências vividas pelos autores.



RESULTADOS

Nesta sessão iremos apresentar noções básicas das línguas Nyungwe e Fula para iniciates. Sendo assim, iremos apresentar a classe dos pronomes pessoais na sua forma simples, em seguida a classe dos pronomes pessoais na forma enfática, pronomes demonstrativos, o verbo ser, algumas frases e provérbios.

Quadro 1. Classe dos pronomes pessoais forma simples em Nyungwe, Fula, Português

Nyungwe	Fula	Português
Ine	Min	Eu
Iwe	An	Tu
Iye/iye	On	Ele/ela
Ife	Enen	Nós
Imwe	Onon-ron	Vós
Iwo	Ben	Eles

Quadro 2. Exemplos de sentenças simples em Nyungwe, Fula, Português

Nyungwe	Fula
Ine ndine npfundzice – eu sou professor	Min komy djanguino-wo.
Iwe ndiwe npfundzice – tu és professor	An ko-a djanguino-wo.
Iye ndi npfundzice – ele é professor	On ko djanguino-wo.
Ife ndife apfundzice – nos somos professores	Enen komen djanguinobe.
Imwe ndimwe apfundzice – vós sois professores	Onon-ron ko-on djanguinobe.
Iwo ndi apfundzice – eles são professores	Ben ko djanguinobe.



Quadro 3. Classe dos pronomes pessoais forma enfática em Nyungwe, Fula, Português

Nyungwe	Fula	Português
Ine+pano= inepano	Mintiguy	Eu mesmo/eu aqui
Iwe + epo = iwepo	antiguy	Tu mesmo
Iye + dhi = iyedhi/umweyudi	Onotiguy/onoriguy	Ele/ela
Ife +pano =ifepano	enentiguy	Nós mesmos
Imwe +po=imwepo	Onontigwy/ononriguy	Vós mesmos/vocês mesmos/ vocês ai
Iwo +dhi = iwodhi	Benton-tiguy	Eles mesmos

Quadro 4. Exemplos da Classe dos pronomes pessoais forma enfática em Nyungwe, Fula, Português

Nyungwe	Fula
Inepano ndine mwana – eu mesmo sou criança	Mintiguy kome tchukael.
Iwepo ndiwe mwana – tu mesmo és criança	Antiguy ko-a tchukael.
Umweyudi ndi mwana – ele mesmo é criança	Ontiguy kombo tchukael.
Ifepano ndife wana –nós mesmos somos crianças	Enentiguy koen tchukale
Imwepo ndimwe wana – eles mesmos são crianças	Benon-tiguy ko-on tchukale riguy.
Iwodi ndi wana – eles mesmos são crianças	Benton-tiguy kobe tchukale.



Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos na língua Nyungwe não tem género. Portanto, o mesmo pronome designa o género masculino e feminino.

Quadro 5. Pronomes demonstrativos, em Nyungwe, Fula, Português

	Nyungwe	Fula	Português
1 ^a pessoa	Uyu –pessoa	Dum	Este, esta,
	Aka/itchi objecto	- Dum-do	Isto;
2 ^a pessoa	Uyu - pessoa	Dum-ron	Esse, essa,
	Ako/Itcho objecto	- Duma-ro	Isso;
3 ^a pessoa	Ule/wale – pessoa	Ro	Aquele, aquela,
	Cire/bzire objeto	- Dum-ton	Aquilo....

Quadro 6. Exemplos de pronomes demonstrativos em Nyungwe, Fula, Português

Nyungwe	Fula
Uyu ndi m'mamuna - Este é um homem	Odo kombo gorko. Odaa kombo debbo.
Uyu ndi nkazi - Esta é uma mulher	Dum ko guilgo.
Aka nkalombo – este é um bicho	Dum-do ko goddum.
Itchi ndi cinthu – isto é uma coisa	Ó ko dembo modjo.
Uyu ndi nkazi wa bwino – esta é uma boa mulher	Ó ko gorko modjo.
Uyu ndi m'mamuna wabwino – este é um bom homem	Duma-ro ko guilguel.
Ako nkalombo –isso é um bichinho	Duma-ro ko guilgo.



Itcho ntchiroombo – isso é um bicho Ule wa bwera – aquele veio Wale wa bwera – aqueles vieram Cire ca bwera - aquilo ou aquela (coisa) veio Bzire bwabwera –aquilo ou aquelas (coisas) vieram	Oró ko gardo. Beroo ko garbe. Duma-ro maa dum-ro ko addaa. Dum-ton koko addaa ma ko ary.
--	---

Quadro 7. Verbo ser em Nyungwe, Fula, Português

Nyungwe		Fula		Português	
Ine	Ndine	Min	Ko-min	Eu	Sou
Iwe	Ndiwe	An	Ko-aaan	Tu	És
Iye/iye	Ndiye	On	Ko-on	Ele/ela	É
Ife	Ndife	Enen	Ko-eeenen	Nos	Somos
Imwe	Ndimwe	Onon	Ko-on-onon	Vós	Sois
Iwo	Ndiwo	Ben	Ko-ben	Eles	São

Algumas frases na língua fula e os seus respectivos significados em português

Fula: Djam wali, djam tun gonad?

Português: Bonita manhã/ tarde/noite, estás bem?

Fula: haa, djam tun. An-le?

Português: sim, estou bem e tu?

Fula: yafo, horó djaará?

Português: desculpe, aonde vais?

Fula: mino Django-ya.

Português: vou à aula.

Fula: djaraama.

Português: agradecido/a.



Alguns provérbios na língua fula

“Maayde timmintá wonki”. A morte não esgota alma.

“Djuugol balde horsintá hakkil”. A longevidade não retrai o espírito.

“djam ya wany”. O bem demora para chegar.

“Munhudo folta”. O persistente que triunfa.

“yarem di-yony djaabuye”. Silêncio é resposta absoluta/ basta silêncio/quem cala consente.

“Ydingue yarsá mbuddam.” Quem chega primeiro bebe água limpa.

“worá ko idi warindy”. Começar mal não significa terminar mal.

“Aduna ko dja-há gará”. Na vida há altos e baixos.

“Mbarbarse lumbará maió”. contornar rio não significa atravessá-lo [rio].

“Bab-ba larima-han wora larsomba”. Diante um ato da ignorância não revite.

Mini dicionário Fula-Português

A

abandonar- <i>tenkingol</i>	absoluto- <i>piu</i>
abarcar- <i>tawnugol</i>	acabar- <i>dégol</i>
abarrostar- <i>betchagol</i>	aceitar- <i>diabbugol</i>
aborrecer- <i>lobgol</i>	acorda- <i>fin</i>
abster-se- <i>tchalagol</i>	acordar- <i>pingol</i>
abocar- <i>battagol</i>	açúcar- <i>sukkar</i>
abrir- <i>gudirgol</i>	adorno- <i>nharagol</i>
absolver- <i>munhal</i>	adorno- <i>nharagol</i>
adormecer- <i>tchonhagol</i>	administração- <i>kalifandy</i>
	adulto- <i>maudo</i>
afetar- <i>battugol</i>	agachar- <i>goppinagol</i>
aglomerar- <i>kaurintingol</i>	agradecer- <i>du-agol</i>
agricultura- <i>demal</i>	agudo- <i>tchebgol</i>
ajudar- <i>ballugol</i>	alguém- <i>goddo</i>
alimento- <i>nhammi</i>	alimentar- <i>nhammingol</i>
alívio- <i>bupto</i>	amar- <i>djiggol</i>
amor- <i>djigo</i>	alma- <i>wonkki</i>



amigo-se- *hel/belde*
ampliar- *beydugol*
animal- *hude*
anular- *pisugol*
assar- *nhuggol*
aurora- *djalbendi*
avião- *lana hendo*
avistar- *djidugol*

amém- *amine*
analisar- *darsugol*
ano- *dube*
anunciar- *calgol*
ataque- *máby*
averiguar- *darsugol*
avisar- *calgol*
azar- *cará*

B

balde- *si-ho*
bagagem- *mirandje*
banana- *bananare*
barro- *lope*
beijo- *butchande*
beleza- *bessago*
bode-gare-*beewa*
bico-*nhire-sondo*
bicho- *guilgo*

bago- *podjere*
balaio- *tem-tem*
barco- *lana-diam*
beber- *djargol*
belo- *besso*
boca- *hunco*
botar- *tchubagol*
bicicleta- *welo*
bis- *dimmo*

C

cá- *do*
cabo- *boggol*
calor- *gulende*
cama- *balnde*
caneta- *caramol*
cedo- *law*
cela- *casso*
certo- *san'ghui*
citar- *noddano*

corda- *boggol*
cultura- *tchossan*

cão/cachorro- *rawado*
cacho- *endo*
cadeira- *siram-barcedo*
cana- *gaudjal*
carro- *oro*
cego- *bum-do*
centro- *lerinde*
cinto- *dadol*
coar- *tchwiugol*
começo-*suddó*
coração- *alado bernde*
cortar- *tadjugol*



criação-*taggol*

D

dança- *gabbe*

dantes- *ado*

data- *irande*

dedo- *col-lel*

deixar- *tenkingol*

ditar- *fillagol*

dizer- *calgol*

dano- *yakcanto*

dar- *gokugol*

década- *sappo-djum*

Deus- *Alla*

deletar- *montugol*

dito- *dindol*

diz- *bígol*

E

Elefante- *nhiwa*

Elemento- *pídjel*

Emancipar- *djompingol*

Emanar- *quebgob*

tersagol

Emendar- *tchantinagol*

Encantar- *beltingol*

djanguirdo

Endoidar- *cánguegol*

Enfadar- *lobnugol*

Enfeitar- *nhargol*

Enfrentar- *darsagol*

Enriquecer- *quebgol*

Equilíbrio-*saamba-hakkunde*

entre- *hakkunde*

enrolar- *morlugol*

erva- *hudo*

escorregar-

esmola- *sadá*

escola- *sudo-*

espada- *fanghe*

espaço- *dulá*

espécie- *lenhol*

esteira- *baçal*

Estudar- *djangugol*

F

Faca- *labi*

Fala- *hala*

Fama- *dardja*

Farda- *gude-nandude*

Face- *yesso*

falar- *lebugol*

Farinha- *tchondy*

Favor- *ballal*



Favos- *dime*

Fel- *cado-cadonguel*

Fila- *lappol*

Final- *sakkiri*

finalizar- *dendugol*

Fogo- *djaigol*

Força- *dole*

Forte-*tiggol*

Fumo-*tchurki*

Fé- *gom-dingol*

Fenda- *pérol*

ferro-*djam- ndy*

firme- *daragol*

Fome- *hegue*

Formiga- *nhudjo*

Fula-*canh-nagol*

Furto-*gwica*

G

Gabar- *mantugol*

Gago- *meódo*

Gajo- *oó*

Galo- *duntunghal*

Galinha- *gwersogal*

Gama- *bui*

Gato- *ullundo*

Gelar- *bumnugol*

Gelo- *haire-diam*

Gêmeo- *tchiurado*

Gênero- *sifá*

condilgol/donnugol

Gengibre- *djacu-leide*

Gênio- *djinne*

gente- *djimbe*

(j)giló- *djacarure*

ginástica-*prátika*

go-um

gola- *dande-hunte*

gostar- *belanegol*

gosto- *belgol*

gota- *tobbere*

guei- *debbote-gorkotte*

guiador- *peurino-ho*

guiar-

guiso- *lenguro*

guitarra- *djadjero*

H

Há- *hodi*

Habitação- *gongol*

hábil- nhénhal

habilidoso- *nhénhudo*

honesto- *nundudo*

horta- *nacó*

Honra- *tendongal*

hora- *watto*

humidade- *búbol*



harmonia- *caural*
hesitar- *tchobiragol*
bubendy
hierarquia- *límodo*
yankinido
homem- *gorco*
yankinagol
hoje- *han*
djawagol
hóspede- *codo*

húmido- *búbol*
humidez-

humildade-

humilde-

humilhar-

humor- *bágol*

I

Imagem- *bélu*
fuddodo
Imóvel- *iwará*
djoire
Importante- *tenty*
djodjudo
Infância- *tchucayel-ya*
djagol

início-

inteligência-

inteligente-

inverso-

J

Jaburu- *canadjo*
Jantar- *hirande*
Javali- *eda*
Jeito- *ferre*
Jejum- *corca*

Jiboia- *gádada*
jihad- *bakkilago*
jiló- *djacarudje*
justiça- *nha-hwore*
juiz- *nha-hwo-hwo*

L

Lado- *sengo*
Lama- *lopal*
Lata- *póry*

lepra- *dangwyá*
letra- *bindol*
linha- *dídol*



Lebre- *hodje*
Lenha- *ledde*

local- *dulá*
lua- *leuro*

M

Mãe- *né*
gawry
Mala- *arca*
djilly
Maluco- *cangado*
lócolomal
Massa- *lope*
morsó
Mata- *ladde*
ferlo
Mel- *djumri*
djoinugol
Meta- *happo*

milho-
misto-
mito-
móvel-
monte-
moer-
muito- *bui*

N

Não- *o-o*
hai-goro
Nação- *leidy*
Nascido- *djibiná*
Nada-*fus*
Nata- *nebbam*
Nato- *riguy*
Neta- *taniraw-a*

ninguém-
nítido- *labol*
nome- *inde*
nova- *kesso*
nove- *djénai*
nuvem- *lunre*

O

Oco- *budi*
Óculos- *lo-ne*

onde- *horó*
ontem- *hanky*



Oito- *djérary*

Onça- *bodu*

Pai- *bá*

Pano- *hudere*

Parvo- *daido*

Pata- *teppere*

Paz- *djam/bubto*

Quadrado- *copy-copy*

Qualidade- *modjendy*

Quanto-*djelw*

Quarto-*naybo*

Quebrar-*kelgol*

nhande-ó-nhande

Rã- *kolipátchel*

canton

Rabo- *latche*

Rainha- *dembo-lamdo*

Ramo- *salndo*

Reto- *fee-hi*

Sábado- *asset*

madde

Sal- *lamdam*

wattu-yo

olho- *guire*

osso- *dji-al*

Peito- *bernde*

Pinto- *guersogwel*

pingo- *tobbel*

pote- *londe*

Poder-*dole*

puto- *tchucayel*

quente- *huly*

Quiabo- *candje*

quilo- *kiló*

quinto- *djowbo*

quotidiano-

régulo- *lamdo-*

rei- *lamdo*

remo- *gaujiral*

rito- *ada*

rua- *bedda*

selva-

sempre-

P

Q

R

S



Salto- <i>bobtande</i>	sentar-
<i>djódagol</i>	
Saudação- <i>lemnandu</i>	sigilo-
<i>gundó</i>	
Seco- <i>yory</i>	sol- <i>naggue</i>

T

Tamanho- <i>poral</i>	tom- <i>hiro</i>
Tampa- <i>ombalo</i>	tomate-
<i>mantem</i>	
Tarde- <i>nhaloma</i>	tornar-
<i>tottogol</i>	
Tempo- <i>watto</i>	túmulo-
<i>gabur</i>	

U

Uivar- <i>nhungol</i>	ungir-
<i>budjgol</i>	
Único- <i>goro</i>	untar-
<i>mómagol</i>	
União- <i>cawral</i>	urgente-
<i>kissam</i>	

V

Vá- <i>ya</i>	verde-
<i>hákide</i>	
<i>wurde</i>	Vida-
Valer- <i>badagol</i>	vila-
<i>tunde</i>	



Ver- *djígol*
táragol Verdade- *gonga*
vulto- *djirlo*

voltar-

W

X

Xadrez- *kaddy*
nokkande
Xarope- *soroppa*
kambaaajo

Xícara-

xilofone-

Z

Zanga- *lob- re*
assinky
Zelo- *bubto*
cungol

zinco-

zurrar-

Nomes de objeto, animais, árvores, frutas, e os seus respectivos nomes em língua fula e português

Naggue-vaca

Gary balde-carneiro



Foto 1: arquivo próprio, Baldé, 2024.

foto 2: arquivo próprio, Baldé, 2024.

Catchudje-limão



Foto 3: arquivo próprio, Baldé, 2024.

Lekky-árvore



Foto 4: arquivo próprio, Baldé, 2024.

Papuyadje-mamão



Foto 5: arquivo próprio, Baldé, 2024.

Dúradje/mangodje-mango



Foto 6: arquivo próprio, Baldé, 2024.

Considerações Finais

Este trabalho buscou documentar a importância da valorização de línguas milenares como a língua fula e nyungwe e a inclusão delas no currículo escolar, em particular nos anos iniciais para as crianças nos respectivos contextos escolares de Moçambique e Guiné Bissau. A língua e a cultura fazem parte integrante da consciência e soberania cultural de um povo. No entanto, durante o contacto com a situação colonial, vários desafios foram



enfrentados, seja na Guiné-Bissau, assim como em Moçambique, em matéria de valorização do conteúdo local. As línguas africanas, as culturas africanas, as formas africanas de relação com a transcendência e com a ancestralidade, tudo foi depreciado dualisticamente e considerado como primitivo.

A educação formal, ao não incluir nos currículos as línguas e conteúdo local, revelou claramente que a educação formal era racializada e não fora pensada para os povos africanos. Portanto, este artigo nasce como uma contribuição buscando, não só valorizar a cultura e as línguas locais como a consciência e soberania de um povo, neste caso, do fula e Nyungwe, mas também despertar o gosto para o ensino, o estudo e o aprendizado destas duas línguas, bem como documentar conteúdos específicos que podem apoiar o ensino, o estudo e a aprendizagem no cenário escolar e extra escolar dos respectivos idiomas africanos.

Se as línguas africanas não fizerem parte dos programas curriculares e não forem ensinadas nas escolas, poderão deixar de existir, num futuro próximo. Para evitar isso, é necessário e urgente que sejam feitos investimentos significativos para a capacitação de professores capacitados para dar resposta a este desafio, e, por outro lado investir na criação e documentação de materiais impressos que registrem tais idiomas, podendo servir como material para uso didático escolar e extra escolar. A continuação de estudos e pesquisas na área poderá contribuir com a oferta de novos materiais organizados de forma científica e sistemática que fortaleçam o acervo didático para uso pedagógico no ensino de línguas milenares africanas como o Fula e o Nyungwe.

Referências

- AUGEL, M. P. **A nova literatura da Guiné-Bissau**. Bissau: INEP, 1998. Coleção Kebur.
- _____. O desafio do escomburo: nação, identidade e pós-colonialíssimo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- Bâ, A. H, A Tradição Viva In. KI-Zerbo, J. (Org.). **História geral da África I: Metodologia e pré-história da África**. 2.ed. Brasília: UNESCO, 2010.



- BENSON, C. J. **As línguas no Ensino Primário na Guiné-Bissau**. In: BISE n. 4, p. 35-43. Bissau: INEP, 1993.
- CÁ, V. J. B. **Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau**. 175f. Belo Horizonte, MG. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- CABRAL, A. **Análise de alguns tipos de resistências**. Bolama: Imprensa Nacional, 1990.
- CANDÉ, F. **A língua portuguesa na formação de professores do ensino básico da região de Bafatá, na Guiné-Bissau**. Dissertação Ensino de Português Como Língua Segunda/ Língua Estrangeira. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 2008.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Tradução: Sandra Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Penso, 2014.
- CRUZ, A. R. V. **Abordagem Comunicativa: enfoque na competência oral na língua segunda, Caso da Guiné-Bissau**. 86f. Faculdade de Letras. Universidade do Porto. Porto. 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo Editora Paz e Terra, 1968.
- GIL, Carlos Antônio. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.
- GROSO, M. J. dos R. **Língua de acolhimento, língua de integração falantes de outras línguas**. Lisboa: Horizontes de Linguística Aplicada, v. 9, n. 2, 2010, p. 61-77.
- INSTITUTO NACIONAL de ESTATÍSTICA. **Recenseamento geral da população e habitação 2008**. Bissau, 2009, 92 p. Disponível em: http://www.statguinebissau.com/publicacao/caracteristicas_socio_cultural.pdf. Acesso em: 15 jun. 2024.
- MAIA, António Alone. **Saude e Doenca na Cultura Nyungwe: Um olhar antropológico-Teológico**. Saarbrücken: Novas Edições Académicas, 2013.
- dos Santos, Ariane Coelho; Maia, António Alone; Garcia Fabiane Maia. **O estudo epistemológico para uma educação interétnica**. In: MAIA, António Alone; PIMENTEL, Elizabeth Tavares; CÂMARA, Igor;



MARCARENHAS, Suely. Educação e Ensino: novas perspectivas e realidades. São Paulo: Alexa Cultural, Manaus: EDUA, 2022.

Mapa administrativa da Guiné-Bissau. Fonte - Retirado do site <https://pt.mapsofworld.com/guinebissau/>. Acesso em: 28 jun. 2024.

NAMONE, D. e TIMBANE, A. A. Consequências do ensino da língua portuguesa no ensino fundamental na Guiné-Bissau 43 anos após a independência. **Mandinga: Revista de Estudos Linguísticos**, Redenção-CE, v. 01, n. 01, p. 39-57, jan./jun. 2017.

NAMONE e TIMBANE. **Tensão entre Escrita e Oralidade no Ensino-** Aprendizagem do português na etnia Balanta Brassá (TOMBALI) da Guiné-Bissau, Revista entre (parêntesis), Número 7, Volume 1, 2018 – ISSN 2238-4502

SANTOS, M. dos. Guiné-Bissau: **a formação da Nação In**: A Construção da Nação em África: os exemplos de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Colóquio INEP/CODESRIA/UNITAR. Bissau, INEP, 1989, p. 188-197.

Agradecimentos:

O primeiro autor agradece sua orientadora, seu coorientador pela colaboração e à CAPES pelo incentivo da bolsa modalidade mestrado.

Agradecemos à UFAM pela oportunidade de avanços acadêmicos, à FAPEAM e CNPq pelo apoio institucional.

Recebido: 20 de abril de 2024.

Aceito: 30 de junho de 2024.

Publicado: julho de 2024



Autoria:

Ussumane Balé
Bacharel em Ensino. Mestrando em Ensino de Ciências e Humanidades,
PPGECH-UFAM, Bolsista CAPES;
E-mail: baldeussumane079@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0009-0226>
País: Guiné-Bissau

Orientadora:

Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas
Licenciada em Pedagogia (UNIR, 1987), Doutora em Psicopedagogia (UDC,
Espanha, 2004) – Docente Universidade Federal do Amazonas – UFAM
(2006-atual), atuando na graduação e pós-graduação, Orientadora da pesquisa.
E-mail: suelyanm@ufam.edu.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>
País: Brasil

Coorientador:

Antônio Alone Maia
Dr. Em antropologia, USP
Docente na UniRovuma, Moçambique; Docente visitante estrangeiro
PPGECH-UFAM
E-mail: alonemaia13@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3500-8235>